

Wõn ati awa (Eles e nós)

Yasmin Ferri

Luz. As partículas brilhosas invadiam meus olhos enquanto eu subia para a superfície. Pela primeira vez, sinto uma estranha sensação de calor se alastrando por todo o corpo. Minha visão se deturpa um pouco: não consigo identificar por completo este novo ambiente que adentro. Em primeiro plano, deparo com uma construção não identificável. Ela era grande e colorida, diferente de tudo que eu já havia visto. Bandeiras e diferentes ilustrações completavam as qualidades daquela magna estrutura. Olho em volta e não posso deixar de me sentir angustiada por parecer reconhecer aquelas pessoas, mas não lembrar delas. Não me atrevo a dar mais nenhum passo.

julho de 2096

Vinte dias antes, um anúncio mudaria os rumos de toda uma sociedade:

A partir do dia 26 deste mês vigente, crianças geradas de forma não laboratorial deixarão de ser aceitas em nossa sociedade. O Conselho recomenda a participação de todos à nova missão IPAMO AWUJO para o bem maior e coletivo.

Esta declaração se encontrava em todas as partes da cidade. Em todas as telas a nossa disposição: *outdoors*, celulares, televisões, relógios digitais. Todos eram bombardeados por todos os lados com o tenebroso aviso.

No decorrer dos dias, protestos e manifestações surgem por todos os bairros. A população abismada e revoltada marchava em direção ao centro, onde se encontrava a sede do Conselho. Gritos de desespero e reivindicação, especialmente por parte das mães, ecoavam pelas ruas em um tom melancólico. Melancolia misturada com uma esperança de que a nova lei fosse revogada.



26/06/2096

O sangue escorria pelas ruas. Crianças eram arrancadas de suas famílias e levadas pela Guarda Ipamo. As marchas de oposição ao Conselho Tobi, ocorridas nos últimos dias, geraram esses efeitos drásticos. O senso de segurança se esvai pelas mãos sangrentas da repressão, enquanto um alarme toma os tímpanos de todos na parte central da cidade. A única estrutura que permanece são as fortalezas do Conselho. As seis enormes colunas do prédio seguem incólumes em meio ao caos.

O choro das crianças tiradas de suas famílias se perde em meio aos ensurdecadores meios de retaliação dos Guardas Ipamo. Bombas explodiam e tiros eram direcionados àqueles que se atreviam a tentar quebrar a barricada de soldados em torno do gigantesco prédio do Conselho.

O anúncio inicial passara por uma mudança drástica. Na última semana, um acréscimo havia fomentado a indignação de muitos: não só as crianças seriam levadas, mas os idosos passariam por uma eutanásia compulsória. Todos que não fossem aptos a contribuir para o misterioso projeto Ipamo Awujo, seriam exterminados.

2097 - Ano I

Acordo em delírio. Encontro-me num quarto totalmente branco: os toques de cinza dos metais da cama me deixam tonta e mal consigo levantar. Sinto um arrepio ao finalmente sentir a temperatura do lugar: além de branco, ele era gelado e tinha um cheiro muito específico que julgo ter sentido certa vez. Minha mente parece rodar ao redor de toda a sala. Mesmo neste estado, não posso deixar de notar números brilhantes em meu pulso: parecia um relógio dentro de minha pele. Os números pareciam funcionar exatamente como um cronômetro que marcasse 6570.007 horas com exatidão assustadora.

Num primeiro momento, não me espanto, mas ao recuperar alguma consciência, grito. Quando olho para frente, vejo uma porta automática se abrindo, e por trás dela uma mulher grande vindo em minha direção com uma injeção fluorescente. Grito novamente, mas isso só parece deixá-la visivelmente irritada: ela corre em minha direção e logo sinto uma enorme agulha entrando em minha coxa. Não demora muito para eu cair na cama me sentindo amolecida.



Quando acordo, sinto uma forte dor na região do fêmur, mas não sei o porquê. Recordo vagamente deste mesmo quarto em que acordo e de ter visto alguém entrar. Porém, nada mais me ocorre. Olho para frente e vejo um vulto, uma mulher toda de preto da cabeça aos pés com uma pele retinta e pequenas marcas brancas nas partes da roupa, que mostravam um pouco de seu colo. A pequena porta desta espécie de cubículo em que me encontro abre para que ela entre. Olho com interesse para a sua figura até que palavras começam a sair de sua boca.

– Pele O! – Ela me saúda com a palma da mão para cima.

– Meu nome é Calico. Serei sua conselheira nos próximos meses; teremos reuniões diárias em meu alojamento sobre o Ipamo Awujo... Ela diz, com firmeza.

– O que é isso? Pergunto com genuína curiosidade.

– Ora, criança, se trata do seu propósito de vida. Aguarde os dias vindouros e lhe explicarei tudo.

Ela sai pela porta tão cerimoniosa quanto entrou. E, sem demora, a sonolência toma conta.

6 meses depois

Após 182.5 dias, tendo visitas e ensinamentos de Calico, aprendi muito sobre onde estou e sobre meu propósito. Vivemos em Aye Ni Isale, um mundo de transparência e igualdade. Todos vivemos sob um só intuito, mas duas vidas. Carrego em mim uma nova espécie que tornará este universo ainda mais evoluído, GA ou espécime alta, refere-se ao ápice da espécie humana. Como Calico me disse, sendo uma mulher jovem sou a perfeita portadora deste milagre. Entretanto, no refeitório percebi que todos os gêneros eram possíveis portadores de GA.

Nos momentos de refeição, quando sou levada ao enorme espaço do restaurante, observo silenciosamente as outras pessoas todas vestidas com túnicas brancas iguais às minhas. As grandes mesas são espalhadas com perfeição por aquele colossal ambiente. O branco prevalece sobre tudo que vejo ao meu redor: na comida, na parede, no chão, remetendo a uma sensação de homogeneidade. Todos comemos e bebemos do mesmo, vestidos da mesma maneira por um objetivo maior.

Voltando pelos largos corredores, meus passos nunca parecem suficientes. Finalmente chego em meu limitado quarto, fico pensando em uma cena que vi durante a caminhada. Sempre passo por



um laboratório todo de vidro, mas nunca vejo ninguém por lá, às vezes vejo poças vermelhas em lugares próximos. Não entendo, penso em perguntar o significado disto à Calico no encontro de hoje.

*

– Nós sempre vivemos assim? Pergunto à Calico.

– Desde que eu me recorde, essa é a Lei, gerar pessoas perfeitas para uma nova sociedade é o nosso objetivo.

– O que seria a perfeição?

– Seguir a lei e respeitar seu tempo neste lugar, começando por não fazer tantas perguntas.

– Mas e se..? Guardo este questionamento para mim e me retiro da sala.

Calico, às vezes, parece se esquivar de certos assuntos. Sempre tem resposta para tudo, mesmo quando não ouço o que esperaria ouvir. Os meses estão se passando e venho me sentindo fraca e com menos força vital para as atividades corriqueiras, como me alimentar e passar um curto tempo de lazer na sala comunal. Minha barriga cresce e o perfeito bebê, que faz parte de mim, parece cada vez mais preparado para agraciar a humanidade com seus genes modelares.

Depois desta ambígua sessão com minha conselheira, chego com muito esforço em meu cubículo. Dores corporais descomuns parecem surgir assim que piso dentro do quarto. Meu torso se contrai de dor e caio no chão, sinto meu coração acelerar e meu abdômen pulsar. Peço por ajuda, mas ninguém parece ouvir, fico em posição fetal agonizando por um tempo indeterminado até que olho para meu pulso, no local o qual se encontra o cronômetro que conta as horas para chegada do ser que carrego, e vejo o relógio piscando e zerado.

Vejo duas mulheres entrando no quarto, me carregam até uma maca e as vejo exaltadas enquanto me empurram pelo cinzento corredor. Desmaio logo em seguida.

*

O efeito fluorescente das luzes se espalham por todo o horizonte visível. As paredes brancas, similares à palidez dos funcionários do Conselho, reina na grande passagem para o Laboratório Gênese.



Adentrando com dificuldade na enorme sala laboratorial observo como tudo era meticulosamente posto a serviço dos médicos agbebi para o nascimento da nova espécie Ga.

Meu momento parece ter chegado, o bebê não espera 9 meses como Calico havia me dito, ele quer vir ao mundo antes. Mesmo assim, ela me preparou para esta situação, deveria confiar na equipe médica e tudo correria bem. Vejo injeções sendo aplicadas por lugares diferentes de meu corpo e não demora muito para eu entrar em uma espécie de transe.

Pareço acordar num túnel. Ao fim se encontra uma luz forte e desconhecida por mim. Caminho em direção e na parte de fora encontro um mundo estranho. É o oposto de Aye Ni Isale: é colorido, quente e as pessoas parecem não serem iguais entre si. Fico extremamente confusa com tudo que vejo, receio me mover ou chamar atenção para minha figura ali parada. Após pensar muito resolvo dar um passo, de repente pareço cair em um buraco de escuridão. Tudo deixa de existir por um segundo.

Retorno e me acho novamente no Laboratório Gênese, pareço ter sonhado e visitado algum lugar distante, contudo, ainda me encontro paralisada pelos efeitos colaterais das injeções.

